

# Universidade ❧ ❧ ❧

# ❧ ❧ ❧ ❧ ❧ ❧ Livre

Telefone n.º 4322

*Instruir é construir.*

V. HUGO

*A vida deve ser uma educação incessante sem treguas; é necessário aprender desde o nascimento até á morte.*

G. HAUBERT

## BOLETIM MENSAL

ANO II ❧ ❧ ❧ ❧

❧ ❧ ❧ ❧ N.º 19

JULHO DE 1915

### SUMARIO:

#### CONFERENCIAS E LIÇÕES

##### NA UNIVERSIDADE

EXTRATO DAS CONFERENCIAS REALISADAS PELO  
SNR. CARLOS FERREIRA,  
AGENTE COMERCIAL  
OFICIAL EM BRUXELAS.

*A Belgica em tempo de paz* Pag. 127

*A Belgica em tempo de guerra* ..... » 129

.....  
*Questionario* ..... » 147

*Balancête do mês de Julho de 1915* ..... » 148

LISBOA.

PROPRIETARIO: ❧ ❧ ❧ ❧ ❧ ❧

❧ ❧ ❧ ❧ ❧ Universidade Livre.

DIRECTOR E EDITOR: ❧ ❧ ❧ ❧ ❧

❧ ❧ ❧ ❧ ❧ J. Matos Rodrigues.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: ———

——— Praça Luis de Camões, 46, 2.º

Composto e impresso na Tipografia

Eduardo Rosa, Rua da Madalena, 31

### PREÇOS:

AVULSO, 5 CENT.

ASSINATURA ANUAL, 50 CENT.



# Excursão a Mafra

A Universidade Livre promove no dia 29 de Agosto uma visita á Vila de Mafra, fazendo-se desde já a inscrição, na séde social, de todos os socios que desejem aproveitar a oportunidade de visitarem um dos monumentos mais ricos e magestosos do nosso país.

O preço da viagem é 1\$20, compreendendo o comboio em 2.<sup>a</sup> classe e o transporte da estação para a vila e vice-versa, podendo marcar-se lugar para almoço e jantar num dos hoteis da terra ao preço de 1\$00.



# CONFERENCIAS E LIÇÕES

## NA UNIVERSIDADE ❧ ❧ ❧

Extrato das conferencias realisadas pelo Snr. Carlos Ferreira, agente commercial official  
em Bruxelas

### A BELGICA EM TEMPO DE PAZ

Na hora em que a maldição veio afrouxar a velocidade com que este país corria para entrar na esfera das grandes potencias que se admiram pelos seus feitos em honra da civilisação e do progresso, estavam já lançadas ha muito todas as bases para uma obra monstra de grandeza: «Bruxelas porto de mar». Os festejos que deveriam assignalar esta victoria annunciavam-se para breve. As vantagens futuras desta arrojada empresa, são incalculaveis.

Cinjo-me a desvendar este facto duma maneira muito laconica porque não disponho agora de elementos para o descrever. Em todo o caso, a noticia tal como fica, representa o bastante para que todos agraciemos a pequena nação com mais uma palma de gloria e para que todos lhe prestemos grandes homenagens de franca e viva admiração.

O belga tem as simpatias do Universo porque é muito amigo da sua casa e estabeleceu a norma de se não preocupar com a vida dos estranhos. Trabalha para si não se incomodando com o progresso dos outros. E' activo, deligente, tenaz, procurando sempre vencer com brio e dignidade. E' amigo de todos para que todos sejam seus amigos.

V. Ex.<sup>as</sup>, já viram alguma vez a imprensa estrangeira bater na Belgica?



## MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES:

Nos primeiros dias de agosto do ano maldito de 1914, deu-se um criminoso e infamissimo atentado contra a soberania da Belgica.

A Alemanha encolhendo os ombros ao respeito pelas nações e ao direito das gentes, indicou rapidamente que pretendia, sob o peso brutal das suas armas, a conquista do mundo. Assim, sofrega e rancorosa como as feras, chagadas e famintas, investiu louca, traiçoeira e cruel contra aquela pequenina patria que, se algum mal praticou, foi estender carinhosamente os braços a tudo quanto lhe apresentavam com o rotulo do germanismo — o carrasco.

Hoje, a maior heroína do banditismo militar do tempo passado, presente e futuro, caminha não sei para onde, isolada na propaganda sistematica e improductiva com que pretende flagelar não só a consciencia dos seus adversarios como das raças neutras. E' esperança minha, como é talvez dos que me ouvem, que corre desaustinada para o abismo.

Nero queimou Roma para se divertir; Guilherme queimou a Belgica para se vingar. Não é pelo numero de casas e palacios que se deve julgar a importancia duma terra destruida, mas sim pelo direito de viver que ela tinha. Entre uma cidade e uma nação e entre o divertimento e a vingança, a distancia é assombrosa e o arrojo do crime é monstruoso. Entretanto a morte do imperador romano foi tragica como a luta em que os christãos se debatiam contra as feras.

Não antecipemos os acontecimentos.

Nesta hora em que os inimigos se preparam para uma luta gigantesca de força e rancôr que ha de ensopar em sangue, antes do *veredictum*, as provincias flamengas e valãs, a Belgica é, positivamente uma vencida. Mas um vencido, não é, nunca foi nem será, um conformado.

Disse.

CARLOS A. FERREIRA.



## A BELGICA EM TEMPO DE GUERRA

Na sexta-feira 23 de Abril, o Snr. Maurice Wilmotte realisoou uma conferencia na Sociedade de Geografia de Lisboa sobre *O papel historico da Belgica*.

Quero acreditar que V. Ex.<sup>as</sup> não tivessem tido conhecimento desta palestra porque ela realisoou-se em condições tão excepcionaes como vergonhosas.

O Snr. Maurice Wilmotte, distinto professor da Universidade de Liège, historiador e literato de fama e respeito, é um catedratico belga verdadeiramente notavel e para o apresentar basta dizer que foi o primeiro estranho a pontificar em cursos da Sorbonne.

Pois o Snr. Wilmotte, conhecendo a fundo o nosso passado historico, passado brilhantissimo que tantas vezes enalteceu com entusiasmo, no seu pulpito de mestre, ensinando a muitos portuguezes o que eles não sabiam, entrou em Portugal, cheio de contentamento, julgando que o nosso país ainda conservava quente e nitida toda a sua velha nobreza de raça. Lisboa devia dispensar-lhe as mais carinhosas ovações não como homem de talento mas como emissario desse povo heroico, o mais pequeno em seus limites naturaes e o maior na grandeza moral do seu gesto. E fatalmente devia ser assim — pensava ele talvez — porque a Hespanha reacionaria e germanofila tinha patenteado com francas aclamações grande simpatia pela sua Patria desventurada.

Infelizmente tal não succedeu. A conferencia realisoou-se quasi em segredo, foi assistida por umas escasas centenas de convidados e a frieza do auditorio pareceu ter sido encomendada.

A *Capital* do dia 25 do mesmo mês narrando factos, deprimentes para todos nós, que antecederam a reunião, dizia o seguinte:

Quando o illustre professor, que é um grande espirito liberal, chegou áquella «diplomática» agremiação, foi conduzido no elevador aos pavimentos superiores. Acompanhou-o na ascensão, um dos directores da Sociedade que insistentemente lhe lembrava as ascensões de D. Amelia e os cuidados da antiga soberana em não bater com a cabeça numa trave, sempre que ali subia.

— Não conhece a rainha D. Amelia? E' uma bela figura! Alta,



desempenhada; em altura quasi não cabia nesta cabine, por isso tinha sempre receio e se conservava curvada. Tome tambem cautela o senhor, que é alto.

Chegados ao andar superior, o amavel «cicerone» não se esqueceu de conduzir o visitante á sala Moçambique.

Ha ali recordações que seriam gratas ao illustre emissario do povo espesinhado pela Germania. Graciosamente foi-lhe chamada a attenção para o grupo que o imperador da Alemanha tirou naquela casa, quando da sua visita a Lisboa, e amavelmente o conferente foi convidado a sentar-se na mesma cadeira que o kaiser se serviu na sessão que ali lhe foi oferecida!

E continuando sempre «gentil e amavel», o director da Sociedade de Geografia não se esquece de informar que o imperador da Alemanha era socio da Sociedade, não fosse o orador alargar-se em censuras ao soberano teutonico.

Depois destas «agradabilissimas homenagens e evocações», o conferente deu entrada na sala Portugal, onde, antes de falar, tiveram o cuidado de lhe dizer que não sahisse dos «moldes academicos», pois não era legitimo que as dores da nação mais torturada neste momento historico viessem explodir ali, na casa onde paira ainda a imagem do kaiser, o diabo do Norte, que neste momento espalha o terror nas almas simples.

... Em Hespanha, Mr. Wilmotte poudo concluir uma conferencia, clamando: «Viva a liberdade e a justiça! Abaixo os assassinos da Belgica!», sendo esse brado repetido por milhares de pessoas, com entusiasmo indescritivel. Em Portugal, nação aliada dum dos povos em luta, ele proprio sofrendo em seu territorio o assalto de germanos, a melhor maneira de receber e saudar um emissario da Belgica foi lembrar-lhe a consideração pelo imperador da Alemanha e chamar a sua attenção de propagandista para objectos que recordam o inimigo da sua patria.

Eis a miseranda situação. Desgraçadamente *A Capital* não mentiu. E o grande professor nesta magnifica... disposição de espirito falou a medo e partiu sem ter sentido a alma nacional.

SENHORES:

Numa agremiação absolutamente livre, e neste lema está o maior quinhão da sua dignidade, vou ter a honra de encetar a minha palestra sobre *A Belgica em tempo de guerra*. A mordaga que calou o Snr. Wilmotte não entrou aqui para me tapar a bôca e posso vingar a afronta com que enlutaram a consciencia do grande mestre.

Não saberei descrever com o talento dum sabio e a amargura dum vencido como ele, as proezas tragicas do banditismo fardado que assaltou traiçoeiramente a pe-



quenina e querida Belgica, tão heroica como desafortunada; mas saberei, como ele, respeitar a verdade, verdade torturante que dispensa ampliações de fantasia ou exagero, para sensibilisar os intimos mais empedernidos para afogar de tristeza e escaldar de revolta qualquer creatura que se prese de ser humana.

Perdoem V. Ex.<sup>as</sup> se por vezes fôr agressivo e violento nas minhas impressões. Falarei com conhecimento de causa. Sei o que vou dizer, como testemunha e, mais ainda, como vitima.

\*

\*      \*

Quando a Austria declarou guerra á Servia o partido socialista organisou logo um meeting internacional no Circo Real de Bruxelas em que tomaram parte deputados socialistas dos principaes países da Europa, incluindo a Alemanha. E o delegado do operariado alemão, diga-se de passagem, foi um pouco violento nas apreciações contra a attitude do seu governo que nesse momento estava, oficialmente, encapotada.

A França, fez-se representar pelo saudoso Jean Jaurés que tres dias depois deixou de viver, á ordem dum assassino. Foi aqui o seu ultimo discurso pronunciado com a eloquencia e com o calor que nunca o abandonavam quando subia a qualquer tribuna. E Jaurés comovido e sensibilizado pela espontanea e prolongada manifestação de simpatia, feita na sua pessoa, á nobre Republica Franceza começou em um periodo que não mais esquecerei:

«Vou dizer á França com que entusiasmo ouvi agora recordar a grande Revolução!»

Após o *meeting* onde fôra deliberado que o proximo congresso socialista se não realisasse em Vienna mas sim em Paris, organisou-se um cortejo que percorreu a cidade e no qual tomaram parte mais de vinte mil pessoas.

Esta manifestação de protesto contra o procedimento da Austria não teve o menor character official. O governo auctorisou-a porque não está nos seus principios lutar contra os sentimentos do povo, e as autoridades limitam-



se apenas a manter a ordem. Felizmente, porem, a sua intervenção foi desnecessaria porque a ordem não podia ser mais completa.

\*

\*      \*

A Belgica foi constituida como estado independente e perpetuamente neutral pelos tratados de 1831-2 e de 1839. Estes tratados foram reconhecidos e como tal assinados pela Alemanha.

Em 1870, logo que rebentou a guerra franco-prusiana o governo de Mr. Gladstone, em nome da Inglaterra, propoz um tratado á França e á Alemanha no qual se estabelecia que, se o exercito de uma delas violasse a neutralidade da Belgica, a Grã-Bretanha cooperaria com a outra em sua defeza. Ambos os países concordaram.

A mesma questão enfrentou o governo de Mr. Asquith em 1914 que a encarou sob igual ponto de vista. No dia 31 de Julho, a Inglaterra — em vista dos tratados existentes — perguntou á França e á Alemanha se tomavam o compromisso formal de respeitar a neutralidade da Belgica desde o momento que nenhuma outra potencia a violasse. A França apressou-se a responder afirmativamente. A Alemanha ficou muda e queda.

Datada de 2 de Agosto, o governo belga recebeu a seguinte nota alemã:

*Leitura das notas alemã e belga.*

No mesmo dia o rei Alberto dirigiu ao rei Jorge, o seguinte telegrama:

«Lembrando-me das numerosas provas de amizade de Vossa Magestade e dos seus antecessores, da attitude amigavel da Inglaterra em 1870 e da prova de simpatia que ele acaba ainda de nos testemunhar, faço um supremo apelo á intervenção diplomatica de Sua Magestade para a salvaguarda da neutralidade da Belgica».



Em 4 de Agosto, o governo Britânico dirigiu um ultimatum á Alemanha dizendo que, se até á meia noite não recebesse uma resposta satisfatoria á pergunta feita em 31 de Julho, ver-se-ia obrigado a tomar as providencias ao seu alcance para sustentar a neutralidade da Belgica e, por consequencia, o cumprimento de um tratado de que tanto compartilhava a Alemanha como a Inglaterra.

Foi então que o chanceler do imperio disse ao embaixador inglês em Berlim, talvez com um sorriso mefistofelico, pouco mais ou menos isto: simplesmente por uma palavra, *neutralidade*, e simplesmente por um bocado de papel a Grã-Bretanha vae entrar em guerra. E naquele mesmo dia — 4 de Agosto — a legação da Alemanha em Bruxelas mandou entregar ás 6 horas da tarde a seguinte comunicação:

#### *Leitura da carta de 4.*

As tropas prussianas estavam já então no territorio belga porque precisavam avançar contra a França, pela forma mais rapida e facil.

Conclue-se pois que o governo alemão deixou vêr com pressa e não menos clareza quais os seus principios: que os tratados são simples pedaços de papel; que o compromisso de respeitar a neutralidade de uma pequena nação é uma palavra vã; que as exigencias militares não conhecem leis; que um estado militar poderoso tem direito a abrir caminho atravez dum pequeno territorio cuja inviolabilidade havia reconhecido e declarado respeitar; que pode saquear e martirisar um povo que queria defender-se. Resumindo: que não ha Direito mas sim Força.

As duas casas do Parlamento reuniram-se no dia 4 de Agosto. Foi uma sessão historica e com certeza não torno a assistir a outra tão notavel.

Pouco depois das 9 horas da manhã o rei Alberto dirigiu-se a cavallo ao Palacio da Nação entre aclamações do povo que fulminado pela cobardia prussiana, perdeu rapidamente o seu aspecto calmo, pacifico e bondoso, para se converter num inimigo energico, terrivel e decidido. A multidão que coalhava os arredores da mais bella arteria da capital estava nervosa, agitada e bu-



lhenta deixando transparecer a ancia, não de aniquilar o inimigo, porque antecipadamente confessava-se pequenina e fraca para o fazer, mas de mostrar até onde vae a audacia, a coragem e o heroismo dum povo para quem o patriotismo é o sentimento mais nobre e mais sagrado.

Os belgas queriam provar á humanidade quanto vale e quanto pode a razão.

A razão! Mas a razão, uma vez esfaceladas as relações do direito e lançada a vida num duelo de que sae vitorioso quem mais pode, não se impõe com a força do patriotismo mas com canhões, metralha e dinamite. Quando a razão deixa de ser uma força imperiosa, já não ha razão que valha. O facto é triste e serve para provar a catadura que a humanidade ainda apresenta. Travada a peleja, o direito anterior não serve, nem rege; é na mesma peleja que se vae buscar a decisão para o novo direito e quem o estabelece é o triunfo e só o triunfo. Assim acontece porque a legislação mais não é, do que a sanção dos factos victoriosos.

Foi contra este aforismo, cheio de validade, profundamente historico, inflexivel nos seus termos, que Alberto I. escutado pelo clero, nobreza e povo, pronunciou do alto duma tribuna com a firmeza e convicção de quem sente a verdade e a justiça na consciencia o seguinte discurso:

*Leitura do discurso do rei Alberto.*

\*

\* \*

Os alemães entraram na Belgica com o firme proposito de dominar as povoações pelo terror e assim desenvolveram a primeira tragedia em Visé, cidade quasi totalmente destruida tendo sido massacrada á traição uma grande parte dos seus habitantes. O successo com que praticaram este crime, transmitiu-lhes a impressão de que os oprimidos se acobardariam perante o flamejar dos seus capacetes, onde se lê o nome de Deus. Depois a tranquillidade com que haviam ocupado o Limburgo e a facilidade com que entraram no Luxemburgo certificaram-nos de que, num abrir e fechar d'olhos poderiam galgar até á provincia francêsa de Champagne. Efectiva-



mente, naquele momento tudo nos levava a acreditar que a ancia do kaiser para invadir a França acalmar-se-ia com a rapidez calculada e que a Belgica em poucos dias seria a filha mais diléta do seu imperio.

Em Bruxelas não se estava tranquilo apesar do otimismo dos jornaes porque todos os dias ali chegavam varios fugidos que vinham contar as verdades desconhecidas.

As ilusões de Guilherme II depressa se desfizeram como um castelo de cartas. Quando os tres corpos de exercito do general Emmich se puzeram em marcha sobre Liége, verificaram, com surpresa, que a Belgica era um antagonista vigoroso e resolutivo. Eram portanto irrealisaveis, os planos maduramente concebidos para o assalto á França.

O bombardeamento começou no dia 5 de manhã e cinco dias depois os fortes estavam como se nada tivesse acontecido ao passo que as baixas alemãs eram já importantissimas. Os generaes do kaiser, que tem como principio sacrificar estupidamente os seus soldados embora saibam dantemão que os lançam numa carnificina inevitavel, deliberaram empregar enormes massas de homens para assaltar os fortes, crentes de que assim alcançariam a vitoria. Esqueceram-se porém, de que os belgas os esperavam detraz das trincheiras com peças especialmente assestadas para quebrar o impeto prussiano.

Os mortos que cobriam o campo precisavam ser enterrados, os feridos careciam de prontos socorros e os inimigos viram-se forçados a pedir um armisticio de vinte e quatro horas. Este pedido teve egualmente em mira dar tempo á chegada das peças de sitio e munições, pois os alemães, não contando com tão grande resistencia, estavam ligeiramente equipados e municados.

Continuam as ondas de assaltantes, quebradas pela fusilaria dos soldados belgas e dão-se os primeiros encontros para que a baioneta entre em acção. E' agora que os belgas se mostram magnificamente adestrados, correndo á doida para o inimigo a quem rasgam as carnes com a força dum Hercules e com o rancor duma fera.

Os alemães amedrontados, quando não podiam voltar as costas e fugir levantavam as mãos e rendiam-se; os poucos que tentavam lutar caíam retalhados. Aqueles,



fugindo da arma branca, como o demonio da cruz, deram aos belgas uma força moral verdadeiramente extraordinaria, pois habituados na caserna a exercicios diarios desta natureza estavam agora convencidos mais do que nunca da grande superioridade sobre o adversario — homem robusto e valente mas que pedia misericordia á pratica e á agilidade dos raquiticos.

Como se comprehende e explica esse medo? Não é difficil. O avanço corajoso... dos soldados alemães para uma morte quasi certa não é «um acto executado por homens inteligentes». O sistema alemão de disciplina pega num ser humano e converte-o, qualquer que seja a intelligencia individual que ele possa ter, numa maquina militar que não póde mostrar a sua intelligencia no que quer que seja. O sistema belga, põe um alto valor nos homens tentando converter cada ser humano que está nas fileiras num combatente intelligente. Isto quer dizer apenas que atraz da baioneta belga está um combatente preparado com intelligencia para danificar o inimigo tanto quanto lhe fôr possivel; atraz da baioneta alemã está um combatente mecânico que se movimenta para obedecer com cegueira mas sem consciencia.

A culpa não é do soldado.

Passam-se mais alguns dias durante os quaes os canhões se fazem ouvir quasi sem intervalos cahindo na cidade varias granadas que incendeiam e desmoronam bastantes edificios. Como o fogo das fortalezas não póde visar os milhares de soldados que avançam, por vezes á chicotada, alguns conseguem invadir a cidade. Aparecem cançados, famintos e sequiosos e declaram que no acampamento não ha munições para tanta gente. Alguns choram e imploram piedade confessando que não foram eles que pediram a guerra; outros oferecem cartuxos a troco de pão e cigarros, e muitos dos que não conseguem fato para desertar perguntam qual é o caminho mais rapido para se entregarem como prisioneiros. Ha porem uns outros que vêem acompanhados pelos officiaes e são estes os que se apresentam com cara de carrascos. As fardas vão-se multiplicando e, enquanto os belgas continuam no seu posto, os soldados alemães agrupam-se em Liége entregando-se a toda a casta de tropelias e malvadez por ordem dos seus superiores. Não pedem mas exigem e roubam tudo quanto querem. Ninguem se atreve á



mais ligeira observação porque eles não repreendem nem aprisionam mas matam. E' nesta altura, que se desmascaram os agentes alemães secretos que até ali estavam escondidos, como a toupeira, começando a prestar as informações e os detalhes indispensaveis aos compatriotas.

A população, cheia de terror, desce para as caves e parte dela abandona as residencias. A pilhagem não pode ser mais completa nem mais rapida. As fortificações ainda seguram os exercitos que se debatem numa luta terrivel para avançar mas estes são já, em parte, alimentados á custa do que é roubado na cidade.

A brilhante defesa de Liége despertou admiração em todo o mundo civilisado e a França antecipando-se ao impulso de gratidão e lembrando-se ao mesmo tempo de que tão heroico feito a tinha libertado da ruina, deu á cidade a mais alta recompensa que ela pode conceder: a Legião de Honra.

Liége que tinha feito o que ninguem havia profetisado, não podia prolongar a sua resistencia por mais tempo porque os alemães arrojavam-se em massa contra ela e trabalhavam agora com essa maquina infernal conhecida pelo «42» que arremessa obuzes duma monstruosidade incalculavel e cujo efeito é pavoroso: as construções são literalmente reduzidas a pó e os homens esmagados e feitos em massa. Quando o general Leman viu que os fortes eram ocupados pelo inimigo á medida que iam sendo reduzidos a um montão de ruinas tomou o expediente de destruir todos os planos de guerra e mais papeis relativos á defesa. Depois de ter feito partir quasi todos os seus homens preparava-se para abandonar o forte Loucin onde sempre estivera, mas uma explosão feriu-o gravemente.

Os alemães dizem que a explosão foi provocada por um projétil alemão e os belgas declaram que foi por ordem do seu general. Acredito mais nesta ultima versão cuja verdade está em parte demonstrada pelos grandes preparativos a que Leman se entregou e pelas suas declarações de que preferia morrer a fugir ou render-se, comquanto a sua saída não representasse uma fuga.

Encontrado ainda com vida foi transportado numa ambulancia para a cidade e mais tarde conduzido para a Alemanha onde se encontra. Diz-se que os alemães reco-



nhecendo o seu valor não lhe quizeram aceitar a espada. Será verdade?

O sucesso com que os belgas se firmaram, resistindo ao primeiro choque alemão, foi dum alcance inconcebível. Amesquinhou a reputação de invencível que gosava o exercito do kaiser, desmoralizando ao mesmo tempo as tropas; causou um prejuizo financeiro calculado nuns quarenta milhões de marcos bem como a perda de bastantes mil homens. A consequencia mais importante foi porém o aniquilamento do grande plano do kaiser para a conquista da França, pois esperava atravessar a Belgica em tres ou quatro dias, quando afinal precisou de dezasete para chegar só a Bruxelas, perdendo, pois, um tempo precioso e tão precioso que foi ele o unico causador da derrota do Marne e, portanto, da impossibilidade de mastigar e digerir o territorio da Republica Francêsa, que se ainda hoje desfralda em Paris a bandeira tricolôr deve-o á Belgica e só á Belgica.

Quantas vezes pergunto a mim proprio qual será o premio para Alberto I e seu povo!

Analizada a resistencia de Liége como simples feito d'armas dá-nos uma conclusão esplendida. O terem os Belgas detido durante doze dias 120.000 homens das melhores tropas alemãs foi uma prova sublime de heroismo.

Esta famosa *étape* da guerra europeia de 1914 será mais bem apreciada pelas gerações futuras.

Liége, não deixou que o tragico imperador almoçasse no Eliseu no dia 15 de Agosto e que mandasse o mais graduado dos seus lacaios escarrar no tumulto de Napoleão I, depois de haver içado o pavilhão da aguia negra na torre Eifel. Mas Liége foi a causa do grande abismo em que ele vae cair porque não tem coragem para meter uma bala na cabeça.

\*

\*

\*

O heroico general Leman estava ainda senhor absoluto das suas fortalezas quando Bruxelas já vivia alanceada de medo, não pelo troar dos canhões, mas pelas revelações de que os inimigos, para vencer, recorriam a toda a especie de crimes como se eles estivessem autorizados pelas leis da guerra.



Dos lados de Verviers, Hasselt, Tongres, Visé, etc. chegavam constantes informações de que os alemães atacavam povoações sem defesa, matavam velhos, mulheres e crianças, prendiam e sujeitavam a torturas as autoridades locais, roubavam os cofres das comunas e saqueavam não só os edificios do Estado, mas também as propriedades e residencias dos habitantes. Sabia-se que os alemães faziam fogo cerrado contra as ambulancias, massacrando os medicos e as enfermeiras e sabia-se finalmente que eles se valiam da coronha da espingarda e do fio das espadas, para acabar com a vida dos pobres feridos, prostrados, sem força para um movimento, gemendo com a rouquidão d'um moribundo.

Eis o que havia chegado ao nosso conhecimento antes da queda de Liége; isto é, que os alemães com a maior naturalidade e com o maximo descaramento estavam fazendo a guerra santa.

Sente-se o coração apertado quando se recordam aqueles boatos do mês de agosto, boatos inacreditáveis porque ninguem concebia a ideia de que existissem homens capazes de crimes tão monstruosos mas que, desgraçadamente, eram confirmados pouco depois.

*Nesta altura o conferente lê as principais atrocidades alemãs desde o começo da guerra até á tomada de Liége e que constam dos relatorios do Governo Belga.*

Isto é já monstruoso e chega para definir uma raça. Mas ainda não é tudo nem é o peor. Ha mais.

\*

\*

\*

A entrada dos alemães em Bruxelas foi no dia 20 de Agosto de 1914.

Na vespera, não só os jornaes da manhã como os da noite tinham declarado oficialmente que a situação não devia inspirar cuidados, pois a cidade não estava em perigo e além d'isso eram 20.000 os guardas civicos preparados para a sua defesa. A imprensa mentiu e mentiu



sempre até á data em que foi suspensa, mas não discordo desta attitude imposta pelo Governo, pois o relato da verdade, conhecida a disposição moral do povo, corresponderia a um cataclismo de funestas consequencias, isto é, o ataque ás tropas invasoras e por conseguinte a destruição immediata da capital e as suas ruinas ensopadas em sangue.

Durante alguns dias os bruxelenses nutriram a esperança de que as forças inglêsas e francêsas viriam em defesa da cidade, porque ignoravam a realidade da guerra. Todavia esta crença varreu-se depressa porque a chegada dos primeiros feridos e dos refugiados das cidades e das aldeias destruidas, demonstravam o erro em que se vivia acerca dos acontecimentos. Depois, o governo havia transgredido a sua séde e o tesouro para Anvers, e agora os palacios reais, edificios publicos e particulares se transformavam em hospitaes de sangue.

Bruxelas que durante vinte dias passou por emoções verdadeiramente extraordinarias, sabia que todos os burgomestres antes de serem mortos ou presos eram obrigados a entregar os cofres e a arriar as bandeiras belgas; que os rails dos caminhos de ferro eram arrancados, que as pontes saltavam á força de dinamite e que os tuneis depois de destruidos formavam um montão de destroços impossivel de remover; que os alemães tinham deixado em ruinas as regiões atravessadas e enforcavam, apunhalavam ou fusilavam todo o camponez suspeito de resistencia ou que não abrisse os braços para lhe prestar todas as homenagens da sua admiração. Esta politica de terror era executada em tão vasta escala, que não podia deixar de ser um plano deliberado e posto em execução em obediencia ás ordens assopradas por Berlim.

Assim, Bruxelas começava a resignar-se e sem que as autoridades falassem, preparava-se como que maquinalmente para sofrer qualquer humilhação reconhecendo que lhe era impossivel impedir a entrada do inimigo. Não calculava porém que a sua chegada estivesse para tão breve.

A's 10 horas da manhã os representantes do estado maior alemão apearam-se á porta do edificio da municipalidade e aí parlamentaram com o burgomestre. Pouco



depois, a policia apparecia desarmada e a guarda civica abandonava os uniformes. Foi então que os habitantes souberam finalmente que os alemães estavam já ás portas da cidade. A maior parte das bandeiras que enfeitavam as janelas, apelando para o patriotismo, escondem-se, os estabelecimentos encerram-se e o povo entristece, procurando os homens mais calmos resignar os mais irritados. As padarias e as mercearias são invadidas por toda a gente que procura fornecer bem a dispensa precavendo-se assim para as eventualidades e nisto se concentra a actividade a que todos se entregam até á hora fatal.

Pouco depois das 2 horas da tarde o exercito poz-se em movimento da calçada de Louvain. O estado maior general alemão havia ordenado que a entrada em Bruxelas se fizesse com o maximo aparato e brillantismo e então quando as tropas chegaram ao jardim Botanico para depois atravessarem a arteria principal, ouviu-se um toque de apito e a infantaria com rapidez e precisão tomou o passo de parada. Em seguida as bandas regimentaes romperam uma marcha triumphal, ao mesmo tempo a soldadesca entoava canticos de gloria e o cortejo aproximava-se da gare do Norte com arrogancia, imponencia, lendo-se na cara dos officiaes um riso de mófa.

Se mil anos eu existisse, não esqueceria a dôr moral que affligiu o intimo dos bruxelenses. Nunca mais se me apagam da memoria as scenas que então se desenrolaram na praça Rogier e a que os invasores assistiram, com a indiferença de quem não sente o coração nem conhece os bons sentimentos.

As mulheres se não caíam desmaiadas fugiam cheias de agonia agarrando os filhos que beijavam com sofreguidão e dizendo-lhes com voz rouca e aflita: *tu n'aime-ras jamais les alboches n'est ce pas?* Os homens mais corajosos, mas feridos gravemente no seu patriotismo, abraçavam-se e da troca dos seus olhares nasciam lagrimas que deslisavam pelas suas faces com a força e o calor da mais cruciante das angustias. De todos os lados surgiram soluços.

Max, esse valente e audacioso burgomestre que, na pagina do heroismo, tem o seu nome alinhado ao do famoso general Leman, Max responsavel pelo procedimento dos habitantes supplicava coragem e resignação,



não para defender a sua vida porque isso pouco lhe importava, mas para salvar a cidade duma derrocada e a população dum massacre. Sem um gesto e sem uma palavra, todos juraram então acobardar-se como rafeiros porque efetivamente assim era preciso; e assim aconteceu. São decorridos mais de nove meses e Bruxelas lá está firme e resignada á espera que chegue a hora da reparação.

Naquele dia, os soldados não traziam os uniformes rotos nem apresentavam cicatrizes ou feridas, mas vinham exhaustos e derreados pois haviam feito uma marcha de cincoenta kilometros. Formavam esse corpo de exercito que ainda não havia entrado em fogo. Os uniformes e equipamentos eram novos e sem uma beliscadura. Tudo quanto traziam era novo, rico e em abundancia. O imperador falando na paz preparava a guerra.

As tropas apressaram-se em tomar posse de varios pontos estrategicos da cidade e á noite o comandante Sixt Von Armin mandou afixar a seguinte proclamação, a primeira que enlutou os muros da linda capital:

«As tropas alemãs atravessarão hoje e nos dias seguintes Bruxelas e são obrigadas pelas circunstancias a pedir á cidade alojamento, alimentação e provisões. Tudo isso será combinado pelos meios legaes com as autoridades municipaes.

«Espero que a população se conforme sem resistencia com estas necessidades da guerra, e especialmente que não cometa acto algum aggressivo contra as tropas e que prontamente forneça as provisões pedidas.

«Em tal caso dou todas as garantias de que a cidade será poupada e que os seus habitantes estarão em segurança.

«Se, comtudo, como infortunadamente nalguns logares já tem sucedido, se der algum acto de aggressão contra os soldados, incendio em edificios e explosões de qualquer especie, serei obrigado a tomar as medidas mais severas».

A missão dos Belgas estava cumprida com honra. A' França tinham dado tempo para concluir a mobilisação das suas forças e á Inglaterra a oportunidade de enviar a sua força expedicionaria á França.



\*

\*

\*

A cidade de Dinant foi incendiada por meio de granadas explosivas. Em poucas horas estava destruída. Vou lêr a V. Ex.<sup>as</sup> a historia do que se passou tal como foi contada no *Matin*, jornal belga, pelo irmão do Snr. Terwagne deputado por Anvers:

«Na noite de 21 de agosto, um automovel blindado alemão entrou em Dinant pela rua Saint-Jacques e, sem a mais ligeira provocação, começou a fazer fogo sobre as casas daquela rua. Uma mulher que estava dormindo na sua casa foi morta e uma sua filhinha, que estava a seu lado, foi mortalmente ferida. Sobresaltados pelo ruido das detonações, um homem e sua esposa abriram a porta de casa. Foi-lhes imediatamente dada a morte pelos uhlanos. Uma empregada da fabrica do gaz que voltava do trabalho foi morta á entrada da porta de sua casa. Os assassinos — pois que se lhes não póde chamar soldados — fizeram fogo contra muitas casas antes de retirarem com a maior bravura.

«Mas estes actos selvagens eram apenas o preludio da sorte que a horda de salteadores reservava á desgraçada cidade de Dinant. No dia immediato grandes forças chegaram e tornaram-se culpadas das mais abominaveis atrocidades de que ha memoria. Os alemães arrombaram as portas das casas e mataram quantos nelas encontraram. A Victor Poncelet foi dada a morte á vista de sua esposa e de seus seis filhos; os membros da comissão administrativa da egreja de Nossa Senhora foram mortos juntos. Em cada casa um crime foi cometido, enquanto as mulheres eram tiradas da cama e levadas, meio nuas, para um mosteiro, onde estiveram tres dias sem alimento absolutamente algum, tendo morrido metade delas de fome e de medo.

«Alguns operarios de Leffe esconderam-se numa vala proximo da grande fabrica de algodão, cujo gerente, chamado Himmer, foi morto. Eram cêrca de 60 e quando os alemães os descobriram mataram-nos todos, embora nenhum deles estivesse armado. No «faubourg» Saint-Pierre um certo numero de homens esconderam-se nas «caves» da cervejaria gerida pelos irmãos Nicaise, velhos quasi septuagenarios, e por seu sobrinho, Julio Monin. Os mo-



dernos barbaros não tiveram piedade de ninguém. Foram mortos pelas balas alemãs. Eram cêrca de quarenta.

«Cêrca de duzentos homens e rapazes — velhos de 75 e rapazes de 12 e 14 anos — paes e filhos juntos, foram levados para a Praça d'Armas. A fim de que a tarefa fôsse facilitada, uma metralhadora foi contra eles assettata. Foi aí que Xavier Wasseige, gerente do Banco do Mosa, foi morto juntamente com seus dois filhos; foi aí que morreu Camille Fisette com seu filho de 12 anos de idade.

«Tendo assim sido regulada a sorte dos habitantes, os alemães procederam metódicamente á destruição da cidade, servindo-se de bombas para incendiarem as casas. Em breve nada mais restava que um montão de cinzas.

O Snr. Terwagne faz depois algumas descrições sobre a destruição que só interessam a quem conhecia a cidade e termina dizendo:

«Foi isto o que os bandidos do grande imperio que desejava governar a Europa fizeram a uma das mais pitorescas cidades da Belgica. O monstro que ordenou essas abominaveis atrocidades foi o coronel Beeger».

Pessoalmente, reforço o relato que acabei de ler assegurando que em Dinant foram fusilados cerca de 1.000 pessoas tendo sido enviadas para a Alemanha outras tantas ou mais.

Deu-se a queda de Namur muito mais depressa do que se esperava em virtude do grande alcance da artilharia empregada pelos alemães e logo a seguir chegou ao conhecimento do mundo inteiro, uma catastrophe sem igual, desenrolada a 25 de agosto na cidade de Louvain, em nome da civilização.

Louvain, onde estivera o rei Alberto com o seu quartel general, era para todos os belgas uma cidade de preciosas recordações. Antiga séde da casa ducal da Baixa Lorena, ou, como mais tarde se veio a chamar, casa de Brabante, esta cidade teve uma grande importancia commercial que desapareceu com a evolução dos tempos passando depois a ser venerada pelas suas construções do



seculo xiv, pela sua antiga universidade, pela sua inapreciavel livraria sem rival conhecidissima em todo o mundo e que guardava religiosamente mais de 100.000 volumes. Em Louvain pairava uma atmosfera de sciencia porque Louvain era o oraculo dos que se interessavam pelos estudos de humanidades e arte, desde os tempos mais remotos.

O edificio da municipalidade era uma das mais extraordinarias produções que o genio humano jámais criou. As suas soberbas paredes falavam do orgulho da rica cidade que no meiado do seculo xv encarregou Mateus de Layens de o construir. As suas estatuas diziam da acendrada fé religiosa dos seus cidadãos. «Toda a Biblia — diz Camillo Lemonnier — ali passa ; póde-se seguir, de nicho para nicho, os principais episodios do Velho Testamento, e o ingenuo escultor, para tornar mais facilmente comprehensivel a sua historia, deu ás figuras o aspecto de homens e mulheres da sua propria época.

Este edificio era porem eclipsado pela Universidade fundado em 1425 pelo papa Martinho v. As suas coleções de numismatica e de medalhas romanas eram as unicas no mundo.

A Universidade de Louvain, desde os grandes dias da Renascença literaria tivera sempre um papel predominante.

As igrejas de S. Pedro e de Santa Gertrudes, ambas do seculo xv completavam o orgulho da cidade tão calma como historica, encerrando qualquer delas as mais altas produções da arte na pintura flamenga. Naquella terra tudo significava cultura e paz.

Quem disser que a destruição foi accidental mente; não foi o resultado dum bombardeamento porque o não houve nem podia haver pois ali já não estavam os que oferecessem resistencia. Foi uma destruição sistematica, calculada e realisada pelos soldados alemães munidos para esse fim de aprestos especiais, tais como as bombas incendiarias que felizmente — diga-se — ainda não são conhecidas em Portugal.

Uma força dos alemães, repellidos de Malines pelos belgas, recuou sobre Louvain. Dos seus camaradas já na cidade, muitos a esse tempo estavam muito embriagados, pois que, entrando nas casas e estabelecimentos onde encontravam bons vinhos, bebiam Borgonha como se fosse



cerveja. Tomando a chegada dos seus fugitivos companheiros por um ataque de tropas belgas, os ebrios fizeram fogo sobre os seus próprios homens. O engano tinha de ser desculpado a todo o custo e o resultado foi ser a cidade incendiada. E' isto que corresponde á verdade e não a declaração dos alemães de que os civis atacaram as tropas e de que o filho do burgomestre disparou contra o chefe do estado maior. Tendo se desarmado a guarda civica antes da chegada dos invasores e efetuado uma busca rigorosa em casa de todos os habitantes que se prontificaram a entregar o armamento, como se prova o que os alemães alegam em sua defeza?

Os alemães para justificar os vandalismos nunca encontraram outra desculpa senão um pretexto: que eram atacados pelos civis, como se a humanidade tivesse os olhos vendados e não pudesse verificar que a «cultura» germanica considera boas todas as canalhices desde que se trate do engrandecimento da Alemanha e dos alemães, que se deve impor o dominio alemão a todo o mundo e que é licito e até mesmo necessario destruir tudo o que se oponha a tal objétivo.

Se tinham arrazado tantas cidades indefezas e que pouco valiam comparadas com Louvain, para que deviam os tiranos hesitar um segundo em demolir esta terra submissa á vontade das suas ganas e que albergava reliquias sem conta dum passado historico, artistico, scientifico e nobre?

Não podia ser e de tal maneira assim o compreenderam que foi a reservada para o maior calvario.

Vou lêr a descrição muito rapida duma testemunha da maxima confiança:

«A's 6 horas, quando tudo se preparava para jantar, soou o sinal d'alarme e os soldados precipitaram-se para as ruas: tiros soavam, gritos e gemidos se ouviam de todos os lados, mas não podiamos sair de casa e refugiá-mos-nos nas «caves», onde estivemos longas e terriveis horas.

(Continúa).





# : Questionario :

**Q**ABEM nesta secção todas as questões de utilidade geral em versões de assuntos e temas scientificos e de conhecimentos praticos, dadas em forma de questionario. As perguntas e respostas devem ser escritas só dum lado do papel, e assinadas como se quizer, com nome ou pseudónimo; porém, pelo que respeita ás perguntas, devem elas vir sempre acompanhadas com indicação do numero e nome do socio da Universidade Livre, que as faz, e do qual só o director tomará conhecimento. A fim de facilitar as referencias, convém que nas respostas se indique sempre o numero da pergunta correspondente.

O maior laconismo possivel, compativel com a natureza e compreensão do assunto, certamente convirá a todos — ao *BOLETIM* e aos correspondentes.

Sendo a Universidade Livre uma instituição de ensino mutuo, a direcção pede encarecidamente a todos os socios que tiverem conhecimento do assunto de qualquer pergunta o obsequio de enviarem logo as suas respostas, as quais serão todas publicadas desde que não tragam algum reclamo especial com prejuizo de qualquer

## Respostas:

A' pergunta n.º 58 — *Interpretação do teatro ibseniano.* — E' difficil, melhor direi impossivel, dar em meia dúzia de linhas uma noção sobre os conceitos filosoficos que Henrik Ibsen levou á luz da ribalta. Gjengangere — os Espectros — apareceram em 1881 tendo então Ibsen 53 anos, devendo notar-se que as suas produções apareceram 31 anos antes com a peça Catalina suggestionada na leitura da obra de Sallustio do mesmo titulo. Os Espectros foram escritos durante o seu exilio voluntario de 25 anos em que conheceu a Alemanha, o Egipto e principalmente a Italia. Foi durante esse periodo que a alma do imortal genio noruegues concebeu as suas obras mais revolucionarias Brand, a Casa da Boneca, um Inimigo do Povo, o Pato Bravo, Hedda Gabbler, etc., etc., não esquecendo a sua anterior obra Peer Gynt que mereceu doutro seu illustre compatriota o compositor Grieg duas extraordinarias suites co-

nhecidas em Lisboa e de que uma das partes, a morte de Asa, foi executada no teatro real de Christiania — representação dos Espectros — na vespera dos seus funerais que o Storthing decidira que fossem declarados nacionais.

A fase revolucionaria que nos Espectros bem se distingue não mereceu sempre os mesmos sentimentos dos seus compatriotas e quando pediu em 1863 o subsidio (Digter gage) no proprio Storthing um dos parlamentares prontificou-se «Sponte sua» a proporcionar-lhe sem encargo nacional uma sova de bengaladas.

Nos Espectros ha varios revoltados: M.<sup>me</sup> Alving cheia de confiança em si mesma, sem nunca ter vergado ao peso de quaisquer responsabilidades, estabelecendo controversia com o pastor Manders que não consente qualquer veleidade de revolta e que assim não conhece o direito á felicidade.

(Continúa).



## Balancête do mês de Julho de 1915

## DEVE (Receita)

	Saldo de Junho .....	91\$49	
<b>Subscritores:</b>			
	Cobrança deste mês.....	131\$55	
<b>Efectivos:</b>			
	Idem.....	13\$20	144\$75
<b>Publicações:</b>			
	Recebido de Aillaud, Alves & C. <sup>a</sup> por lições e livros de francês.	34\$34,5	
	Liquidação da tabacaria Neves, A. Almeida e Monaco, por li- ções diversas .....	4\$53,5	38\$88
<b>Devedores &amp; Credores:</b>			
	Maximiano de Souza Rodrigues, S/ entrega .....	3\$20	
	Ant. <sup>o</sup> Manuel Rodrigues, idem ...	1\$50	4\$70
<b>Subsidios:</b>			
	Da Assistencia — Deste mês .....	15\$00	
	Da Camara Municipal — Idem ...	20\$00	35\$00
<b>Donativos:</b>			
	Oferta do socio Henrique Cordeiro.....		2\$20
<b>Cartões de identidade:</b>			
	Vendidos .....		2\$40
<b>Gastos gerais:</b>			
	Recebido — Consumo d'electricidade neste mez .....	1\$50	229\$43
			<u>320\$92</u>

## HAVER (Despeza)

<b>Rendas:</b>			
	Mês de Agosto .....	35\$00	
<b>Publicações:</b>			
	Eduardo Rosa .....	26\$10	
	Mauricio & C. <sup>a</sup> .....	20\$00	46\$10
<b>Propaganda:</b>			
	Borges & Carvalho.....	2\$42	
	Lamas & Franklin .....	6\$10	8\$52
<b>Percentagens:</b>			
	Aos cobradores.....	14\$59	
	Cobrador do Funchal.....	\$32	14\$91
<b>Abonos em c/c:</b>			
	Teles de Lemos, s/ obrigação n.º 54.....		5\$00
<b>Despesas gerais:</b>			
	Deste mês.....	69\$74,5	179\$27,5
	Saldo para Agosto....		<u>141\$64,5</u>